



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Ginásio Esportivo e Cultural Jamelão**

Rio de Janeiro-RJ, 28 de outubro de 2009

Bem, primeiro, eu queria cumprimentar o nosso querido governador do estado do Rio, o companheiro Sérgio Cabral,

O nosso querido prefeito da cidade do Rio, Eduardo Paes,

Cumprimentar a ministra Dilma Rousseff,

O ministro Orlando Silva, do Esporte,

E o companheiro Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Queria cumprimentar o nosso querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

O deputado federal Edmilson Valentim,

O nosso companheiro Ivo Meirelles, presidente da Mangueira,

O nosso querido Nuzman, presidente do comitê organizador do Rio 2016,

Queria cumprimentar as secretárias e os secretários estaduais e municipais,

Queria cumprimentar a nossa querida Alcione e o nosso querido Nelson Sargento,

Queria cumprimentar os parentes aqui, Joceli Ferreira dos Santos, filha do mestre Jamelão e o Jamelão Neto, neto do mestre Jamelão,

Queria cumprimentar todos os jovens do grupo de adolescentes especiais da Mangueira e cumprimentar as nossas crianças aqui presentes,

Primeiro, um aviso aqui, Sérgio. Você vê que o pessoal anda muito comportado. Quando nós chegamos aqui, tinha uma série de faixas aqui,



reivindicando obras do PAC. Tinha, parece que um papel aí, Andaraí; tinha o Complexo de Lins; tinha o Complexo não sei de quem. Levantem os Complexos aí, que estavam com a faixa levantada. Tinha o Complexo de Juramento. Eu queria explicar para vocês o seguinte: uma obra do PAC não pode ser prometida, se a gente não tiver condições de fazer. Esse tempo já passou na política brasileira. Acontece que nós estamos cumprindo a primeira etapa do primeiro PAC que nós fizemos em 2007. Agora, em 2011 [2010], nós vamos apresentar um novo PAC até 2015, e aí cada governador e cada prefeito será convidado a Brasília para se sentar com a ministra Dilma e para preparar as prioridades das capitais, das cidades médias e das cidades pequenas e as prioridades dos estados, porque nós aprendemos a fazer obras neste país, que tinha passado 25 anos sem fazer grandes obras de infraestrutura.

Então, os companheiros que estão com as faixas levantadas podem ficar tranquilos porque, certamente, entrarão na próxima proposta do PAC a ser feita, porque nós não vamos parar mais. Ou seja, daqui para a frente, cada vez mais a gente vai ter que fazer obras, porque obras geram desenvolvimento, geram melhoria da qualidade de vida das pessoas, geram oportunidade de formação profissional, geram oportunidade de emprego, geram renda e, conseqüentemente, geram desenvolvimento para o nosso país.

Então, vocês podem começar a preparar a proposta de vocês, mandar para o prefeito para que ele comece a trabalhar corretamente as novas prioridades do Rio de Janeiro, porque no ano que vem nós vamos inaugurar muitas obras do primeiro PAC aqui no Rio de Janeiro.

Vocês vão ter oportunidade de ver o que vai acontecer no Complexo do Alemão, o que vai acontecer em Manguinhos, o que vai acontecer na Rocinha, o que está acontecendo em Pavão-Pavãozinho, e em vários outros lugares em que nós estamos fazendo grandes investimentos de infraestrutura, porque o sonho final é a gente acabar com o nome “favela” e a gente classificar de



bairros, como em qualquer outro lugar em que mora qualquer pessoa do Rio de Janeiro.

Bem, eu tenho um texto muito bem preparado sobre a vida do Jamelão, mas eu não vou ler o texto porque eu vou repetir as coisas que vocês já sabem do Jamelão. A única coisa que eu queria pedir ao presidente da Mangureira é que é importante contar a história do Jamelão e a história de outras figuras importantes da Mangureira para esta juventude, para esta meninada, para que eles saibam que antes deles teve alguém que abriu uma picada para que eles pudessem chegar hoje aqui na Mangureira e ter esta festa extraordinária. Normalmente, quando a pessoa morre, a gente costuma esquecer, e é importante que a gente não esqueça das pessoas que foram responsáveis pelo momento que nós estamos vivendo agora. Então, é preciso contar e recontar a nossa história para que as pessoas saibam, definitivamente, quem foi Cartola, quem foi Jamelão, quem foi dona Zica, e tantas outras pessoas que nós não temos o direito de esquecer.

A segunda coisa é que parece uma simples quadra, mas, daqui, dependendo da utilização que a Mangureira fizer desta quadra, a gente pode ter crianças sadias em pensamento, a gente pode ter crianças mais aplicadas na escola, a gente pode ter crianças motivadas a praticar esportes e a gente pode ter aqui, para 2016, uma quantidade enorme de atletas que vão ultrapassar todas as barreiras exigidas por uma Olimpíada para disputar as medalhas que nós, do Brasil, queremos ganhar, e muitas.

O Brasil não vai fazer as Olimpíadas para que “gringo” venha aqui levar as nossas medalhas. Nós vamos fazer as Olimpíadas e vamos nos preparar como nunca para ganhar medalha. Por isso, nós temos seis anos pela frente. Se a gente pegar uma criança de 10 anos agora, e começar a prepará-la, ela vai chegar à Copa [às Olimpíadas] com 16 anos de idade. Se a gente pegar uma de 18, vai chegar às Olimpíadas, sabe... Se a gente pegar uma de 12, vai



chegar com 18. A gente não pode é pegar uma criança de 25 porque, quando chegar em 2000 [2016], ela já está com 30 e poucos, já está superada.

Então, é importante que a gente tenha uma estratégia para as Olimpíadas, e a Mangueira poder ser um exemplo extraordinário para envolver outras escolas de samba a fazerem o mesmo que a Mangueira está fazendo neste país.

Eu já disse ao companheiro Nuzman que nós vamos fazer uma reunião com todas as Confederações, de todos os esportes que participam das Olimpíadas, para a gente exigir que cada Confederação e cada Federação apresentem para nós um plano estratégico e um plano de metas para as Olimpíadas. A gente não vai conseguir patrocínio, se a gente apenas apresentar ideias. A ideia é muito importante, mas nós precisamos colocar no papel o que a gente quer fazer até 2006 [2016]. E aí passa por uma ação muito profissional, como nós fomos para ganhar as Olimpíadas para o Rio de Janeiro. Eu confesso a vocês que foram os 45 minutos mais emocionantes da minha vida. Eu pensei que já tinha ultrapassado todas as emoções, mas na hora em que a gente entrou naquele palco lá, que tinha cem pessoas olhando para a gente, e a gente sabia que o que estava em jogo era o Rio de Janeiro; e que já tinha se apresentado Chicago, com o Obama e com a mulher dele; que já tinha se apresentado o Japão, com uma série de ministros – todas cidades muito ricas –; e ainda tinha Madri, com o nosso amigo Zapatero e com o rei Juan Carlos, eu falei: nós vamos ter que trabalhar muito para ganhar.

Eu queria aqui, de público, dizer o seguinte: meu caro Sérgio Cabral, meu caro prefeito Eduardo Paes e meu caro Nuzman, eu acho que poucas vezes na história de 500 anos, o Rio de Janeiro teve um momento profissional como aquele que nós tivemos em Copenhague, no dia da disputa.

A apresentação do Rio de Janeiro na televisão foi de uma grandeza tão impecável, que eu não acredito que alguém possa ter visto um defeito na apresentação do Rio de Janeiro. Depois eu acho que as pessoas sentiram que



a gente estava falando a verdade. Os outros estavam lá para fazer mais uma Olimpíada. É como uma criança que come e uma criança que não come. A que come vai pedir comida, você percebe que ela não está com tanto brilho ao pedir a comida. A que está com fome, não apenas está com brilho, mas está com lágrimas nos olhos. Nós estávamos com fome e estávamos com lágrimas nos olhos para mostrar que este país não deve nada a nenhum país do mundo e que este país pode fazer uma Olimpíada que pode ser a marca das Olimpíadas. Porque já fizemos os melhores Jogos Pan-Americanos do mundo de toda a história e vamos fazer a melhor Olimpíada.

Aí começam a aparecer os do contra, aí começam a aparecer aqueles: “Mas o Brasil não pode, o Brasil é pobre, o Brasil tem que cuidar da segurança, o Brasil tem que cuidar da escola, o Brasil precisa cuidar disso, o Brasil não tem capacidade”. Sabe aquele tipo de gente azeda, que se acha de segunda classe, com complexo de vira-lata, que sempre acha que nós não podemos nada, que nós somos do terceiro mundo e que nós, portanto, deveríamos deixar as Olimpíadas para os ricos de sempre fazerem? Aquela pessoa que não acredita no dia seguinte? Acorda mal-humorada, acorda achando que nós somos feios, que nós não sabemos trabalhar, que nós não sabemos cantar, que nós não sabemos dançar. Tem gente assim.

Eu fui para Copenhague com raiva, porque antes de embarcar eu vi várias pessoas na televisão dizendo: “O Brasil não vai ganhar. Imagine, o Brasil se meter com Chicago; imagine, o Brasil se meter com Madri, se meter com Tóquio”. Primeiro, que nós não nos metemos. Nós nos inscrevemos, igual a eles. Segundo, nós queríamos provar que este país só vai para a frente no dia em que o brasileiro acreditar no brasileiro e no dia em que a gente tiver a autoestima bem elevada, para a gente poder conquistar as coisas.

Então, vir aqui hoje, na inauguração de uma quadra simples... Mas é que nem casa de pobre: simples, mas muito limpa. Simples, mas que vai permitir que as crianças tenham um espaço de lazer, que sem esse espaço de lazer, a



gente não saberia onde essas crianças iriam passar o dia.

Por isso, eu quero dar os parabéns à Mangueira. Eu acho, Sérgio, que nós, nas conversas com outras escolas de samba, nós precisamos dizer que, entre um carnaval e outro, tem um carnaval de cidadania que nós temos que fazer 24 horas por dia, para que a gente possa evitar que a gente veja acontecer no Rio de Janeiro o que aconteceu nos últimos dias, com a violência imperando.

O que eu acho grave é que nós sabemos o que gerou aquela violência. O que eu acho grave é que nós sabemos que é quadrilha brigando com quadrilha e que, muitas vezes, as pessoas acham que o Governador poderia acabar com aquilo em um minuto. Ora, fosse fácil acabar com aquilo em um minuto, essa violência não estava perdurando há 30 ou há 40 anos.

Acabou o tempo em que morar em favela era motivo de fazer poema, de fazer verso, de fazer samba. Acabou, porque hoje o narcotráfico é uma realidade, e com o narcotráfico não tem poema. É, efetivamente, prender aqueles que estão tirando a liberdade das pessoas que querem trabalhar honestamente e que significam 99,9,99% da população do Rio de Janeiro.

Então, quando acontece uma violência daquelas, aí passa-se a ideia de que o Rio de Janeiro é assim, quando não é verdade, quando não é verdade. O Rio de Janeiro é isto que eu estou vendo aqui. O Rio de Janeiro, quase 99%, é exatamente o retrato do que a gente está vendo aqui. E a gente não quer esconder a violência, porque ela tem no Rio de Janeiro, ela tem em São Paulo, ela tem em Pernambuco, ela tem na Bahia, ela tem no Paraná. Só que o Rio de Janeiro é uma caixa de repercussão muito maior do que outras partes do Brasil.

Essa é a vantagem de ser uma cidade mais bonita, de ter aqui os principais meios de comunicação, de ter aqui os principais artistas, de ser uma cidade que tem muito turista. Nós pagamos o preço, também, pelas coisas ruins que acontecem aqui. Mas se no final de cada dia a gente fosse colocar



em uma balança as coisas boas que acontecem no Rio e as coisas ruins, certamente, as coisas boas iriam ter uma supremacia sobre as coisas ruins.

Nós estamos convencidos, eu fiz esse compromisso com o governador Sérgio Cabral, nós, do governo federal, temos a obrigação moral, política e ética de cuidar de forma especial do Rio de Janeiro. Eu tenho que cuidar do país inteiro. Mas por que cuidar especialmente do Rio de Janeiro? Essa cidade já foi Coroa. Essa cidade, teve um tempo em que o Brasil era tão importante que mandava até em Portugal, porque era daqui que saíam as decisões de poder quando o rei veio para cá. Depois, essa cidade era a capital do Brasil, e essa cidade perdeu o direito de ser capital. Depois, aqui tinha dois estados, que foram transformados em um só estado. Ou seja, foi um conjunto de prejuízos para o Rio de Janeiro, que a gente não reparou ainda.

Em contrapartida a esse desmonte do estado, foram surgindo comunidades cada vez mais pobres, que antes eram de dez pessoas, depois passou para quinze, depois para mil, depois para duas mil, depois para trinta mil, depois para cinquenta mil, e aí deixou de ser uma pequena comunidade para ser um baita de um problema social para quem governa a cidade do Rio de Janeiro.

Então, seria irresponsabilidade o governo federal dizer que é um problema do Sérgio Cabral. Seria irresponsabilidade o governo federal dizer que é um problema do Eduardo Paes. Não. Eu não sou daqueles, não sou daqueles que só aparecem para comer na hora em que o prato está feito. Eu sou daqueles que ajudam a fazer o prato, para a gente poder sair a procurar as coisas.

Ontem, eu determinei que o meu ministro da Justiça viesse aqui. Ele veio, ele e o Sérgio Cabral tiveram uma conversa de três horas. Ontem, o Tarso me apresentou a proposta. Ele vai se sentar com o Sérgio Cabral e com o nosso pessoal do Jurídico e o do Sérgio, para que a gente dê forma jurídica à proposta de trabalho.



E posso dizer para vocês que, embora não more no Rio de Janeiro, quando eu vejo uma agressão, seja no Rio, seja em São Paulo ou na Bahia, é como se fosse na porta do Palácio da Alvorada, porque todos nós somos brasileiros e porque todos nós estamos no mesmo barco, chamado Brasil, que nós não queremos que ele afunde.

Por isso, eu não poderia deixar de ter vindo aqui à Mangueira, hoje. É a primeira vez que eu venho depois das Olimpíadas. Eu acho que ganhar as Olimpíadas foi apenas a primeira tarefa, Sérgio. Agora é que vai ser duro. Agora é que a gente vai ter que apresentar uma programação, o que a gente vai fazer a cada mês, a cada ano, até 2016, o que a gente vai fazer de infraestrutura, de praça esportiva. Todos nós vamos ter que trabalhar juntos.

A única coisa que eu quero é o seguinte: em 2016 eu já estarei há seis anos fora da Presidência da República. Mas o que eu quero é que o Rio de Janeiro volte a ocupar as primeiras páginas dos jornais do mundo, como a gente ocupou quando ganhamos as Olimpíadas com os medalhistas brasileiros. E, se Deus quiser, com meninos pobres das favelas deste país ganhando medalhas de ouro nas mais diferentes modalidades, para a gente provar ao mundo que aqui no Brasil não existe diferença de tratamento entre negros e brancos, entre pobres e ricos e que todos serão tratados em igualdade de condições. As Olimpíadas, para alguns, são apenas um evento esportivo. Para mim, é a consagração da cidadania deste país, porque serão seis anos em que nós iremos aparecer nas páginas de jornais do mundo inteiro. Se a gente fizer as coisas bem feitas, nós ganharemos. Se a gente não tiver competência e fizermos as coisas erradas, nós ficaremos marcados como fracasso.

E nós não vamos fracassar. Nós não chegamos até agora, para morrer na praia. Nós queremos, agora, é mostrar que este país não deve nada a Madri, não deve nada a Chicago, não deve nada a Tóquio, e nós vamos fazer as Olimpíadas melhor do que eles fizeram, que eles já realizaram naqueles



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

países.

Parabéns a todos vocês, da Mangueira. Parabéns à diretoria da Mangueira. E contem conosco para a continuidade desses projetos sociais.

Um abraço, gente.

(\$211A)